

COMERCIO DA PÓVOA DE VARZIM

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
OFICINAS DA "O COMERCIO" - Tel. 62383

JORNAL REPUBLICANO E DEFEN-
SOR DOS INTERESSES LOCAIS

Director, Editor e Proprietário
Manuel Agonia Franco

Nas vésperas do centenário de ROCHA PEIXOTO

por FLÁVIO GONÇALVES

Está a biografia de Rocha Peixoto indissoluvelmente vinculada à cidade do Porto. Não o está menos, contudo, à marítima Póvoa de Varzim, pois ao escritor sempre os costumes, o progresso e a história da sua vila natal mereceram o melhor carinho. «Ele queria enternecidamente à sua terra natal» — declarou Lúcio Brandão (1). Outros dos seus amigos íntimos, como Manuel Silva, P.º Manuel Ribeiro de Castro, Manuel Monteiro, David Alves, Eduardo Pimenta, António Silveira, Cândido Landolt, etc., ofereceram-nos testemunhos idênticos, nos quais rememoram, até, alguns acontecimentos e obras derivadas do «fervor bairrista» do insigne poveiro (2). Viva e contagiante, não pode esta faceta da actividade de Rocha Peixoto ser hoje evocada por contrerrâneo sem sem verdadeira emoção e fundo reconhecimento: é que não se extinguiu, eis uma certeza, a alma dos actos que brotaram de um fogo nobre!

Aos vinte e um anos já Rocha Peixoto projectava escrever um trabalho etnográfico acerca dos pescadores poveiros, trabalho que seria ilustrado por Xavier Pinheiro (3). Tal volume nunca veio a sair, successivamente adiado a fim de aparecer cada vez mais completo. Mas em diversos artigos que o eminente cientista deixou na *Revista de Ciências Naturais e Sociaes* e na *Portugália*, com frequência se nos deparam informações folclóricas sobre os pescadores da Póvoa de Varzim. Justo adversário da espoliação económica dos humildes (4), deu brado o artigo que em 4 de Abril de 1894 inserto no *O Primeiro de Janeiro*, verberando os abusos do fisco relativamente aos pescadores poveiros e batendo-se pela conclusão do porto de abrigo da Póvoa e pela fiscalização efectiva da pesca a vapor. Muito conhecida ficou, também, a defesa que fez dos tamboreiros da sua terra quando Leite de Vasconcelos, em 1903, difundiu a tradição da comunidade poveira apedrejar as imagens dos santos se não atendiam as súplicas que lhes tinham sido dirigidas (5). Ainda a pedido de Rocha Peixoto elaborou Fonseca Cardoso, em 1908, o estudo antropológico dos pescadores da Póvoa de Varzim, publicado a seguir na *Portugália* (vol. II, pp. 517-539). Sem qualquer mesquinho espírito de competição e de inveja, que é vulgar nos nossos investigadores, procurou, sim, que a vida dos pescadores poveiros fosse estudada por todos os que a essa tarefa pudessem meter ombros. Cândido Landolt confessa que sem o estímulo de Rocha Peixoto nunca teria impresso o seu *Folk-Lore Varzino*, salido em 1915 (pp. 9-12). E à intervenção de Rocha Peixoto — herança inesquecível! — devemos o fundo inicial de *O Povoiro* de A. Santos Graça, o admirável e clássico livro dos usos e tradições da colmeia piscatória varzinesa (Póvoa de Varzim, 1932, pp. 7-9).

Sobre os aspectos etnográficos da Póvoa de Varzim urbana, e das freguesias rurais do seu concelho, não são poucas as notas que Rocha Peixoto incluiu nos seus ensaios da *Portugália* — ora acerca das casas e cataventos, ora dos processos de iluminação

Comemora-se para o ano próximo, como se sabe, o I Centenário do nascimento do eminente poveiro António Augusto da Rocha Peixoto.

A fim de lembrar esse acontecimento — no qual ninguém parecia reparar — no sentido de render a mitos o que verdadeiramente foi, e o que fez, o

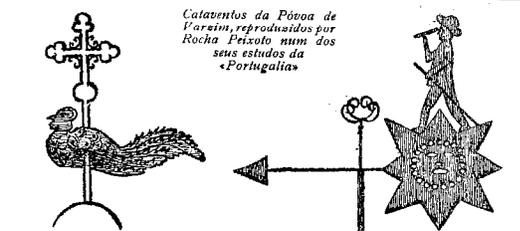
grande sábio poveiro, dedicou o nosso querido amigo e prezado contrerrâneo dr. Flávio Gonçalves, publicar no suplemento cultural de «O Comercio do Porto» uma série de seis artigos consagrados à vida e obra de Rocha Peixoto (série iniciada no número de 22 de Junho).

«O Comercio da Póvoa» transcreve os dois últimos, onde é tratado o muito que Rocha Peixoto fez pela sua e nossa Terra, e se sugerem algumas das homenagens que a Póvoa, em sua memória, lhe deve dedicar.

Vamos dar a palavra ao dr. Flávio Gonçalves, o primeiro a agitar a ideia das comemorações.

«O Comercio da Póvoa» transcreve os dois últimos, onde é tratado o muito que Rocha Peixoto fez pela sua e nossa Terra, e se sugerem algumas das homenagens que a Póvoa, em sua memória, lhe deve dedicar.

Vamos dar a palavra ao dr. Flávio Gonçalves, o primeiro a agitar a ideia das comemorações.



Cataventos da Póvoa de Varzim, reproduzidos por Rocha Peixoto num dos seus estudos da «Portugália»

popular, tábuas votivas, mós manuais, precisões, etc. (referências por vezes acompanhadas de gravuras ilustrativas, tão difíceis, na época, de se obterem).

Muito lhe deve, igualmente, a exploração arqueológica da vila e do concelho. Ao ser avisado, em 1903, do aparecimento de vestígios luso-romanos no Alto de Maritim Vaz, na zona norte da vila, logo organizou um grupo de «pessoas ilustradas» da Póvoa que material e moralmente apoiou a realização de metódicas escavações, naquele mesmo ano levadas a cabo por José Fortes; delas nasceu o opúsculo que este, depois, editou, intitulado *Restos de uma villa lusitano-romana* (Porto, 1905). Sabendo o arqueólogo poveiro que os castros de Terroso e de Landuos necessitavam de uma competente exploração, conseguiu interessar nisto dois capitalistas locais, que benemeritadamente sustentaram campanhas de escavações em 1906 e 1907; do resultado dos trabalhos deu conta o próprio Rocha Peixoto, num artigo da *Portugália* que ficaria a ser o último daquela revista (vol. II, pp. 677-680). Em 1907 teve o cientista notícia das jóias proto-históricas que no monte de Landuos um pedreiro descobriu e tentara vender. Rocha Peixoto não só salvou as magníficas peças, com-

prando-as para o *Museu Municipal* do Porto, como obteve que Ricardo Severo escrevesse sobre as jóias, na *Portugália*, um excelente estudo (vol. II, pp. 403-412). No ano seguinte, em Abril de 1908, foram encontrados na Estela outros objectos da ourivesaria lusitana: um colar, duas arcaçadas, torques, etc. Posto ao corrente do achado por Cândido Landolt, de novo o erudito poveiro acorreu à sua terra e adquiriu para o *Museu* portuense o precioso tesouro, encarregando José Fortes de redigir, ainda para a *Portugália*, um artigo consagrado a essas jóias da Estela (vol. II, pp. 605-618).

Continua na página 4

INÉDITO

Primeiro dia de aulas! E' com euforia que se entra nas aulas respectivas. Não há receio de «estancadas» — isso será para mais tarde — retoma-se o contacto com os antigos professores e toma-se conhecimento com os novos.

Olhos nos olhos, ausente o receio. Ando no ar o pólen da garrulice com que uns e outros se saudaram neste retorno desanuviado, neste início cheio de esperanças, porque, mesmo para os colítois, as palavras singelas duma camaradagem simpática na apresentação do professor, é antídoto para o seu receio.

Mas... neste primeiro dia de aulas, entremos com os alunos na sala de Inglês da Escola Industrial e Comercial da nossa Terra. Paíra nas bocas um alegre sorriso. Ouve-se a preleção da professora, a primeira no início dum novo ano escolar, e finda ela, dá-se a primeira lição.

E' com um sorriso alegre na boca e no coração que se ouvem as primeiras noções de inglês. Apesar da «coisa», se aligurar difícil, o sorriso permanece. Pensa-se: «hoje ainda não é para valer».

Depois da explicação breve, chamada à pedra. Levanta-se a aluna visada, com ligeireza, sem receio. «Se ainda não é para valer».

O sorriso continua alegre, optimista, embora as respostas não fossem dadas com acerto — o que não era para admirar.

Até que um SENTE-SE! irado e, VOCE É UMA BURRA! desahaba a arquitectura alegre daquelas bocas.

Uma homenagem DOS PESCADORES POVEIROS

por NUNO SIMÕES

Poucas homenagens públicas, das realizadas nos últimos tempos, assumem o significado que teve a dos poveiros ao seu ilustre contrerrâneo dr. Vasques Calafate.

Realmente a estátua que lhe foi erigida na sua terra natal que ele tanto amou e tão devotadamente serviu, teve significação excepcional que lhe proveio tanto do pouco tempo em que foi planeada, construída e inaugurada, como da exclusividade que quiseram ter na sua erecção os pescadores da Póvoa, tão agraçados à dedicação do dr. Calafate que, pode dizer-se, viveu a maior parte da sua vida ao serviço da sua terra e da gente do mar que nela labuta. Sabe-se como a consagração dos homens ilustres que a morte leva é, no nosso País, demorada, para não dizer irrealizável pois só, tarde e a más horas, vem efectivar-se quando não tem de ser o Estado a fazê-la, ao longo dos séculos, pois o sentimento público é escasso e retratário a reconhecer as virtudes e os méritos alheios e a fazer justiça aos que o possuem e se votam ao serviço da colectividade, sacrificando-lhes tantas vezes saúde, haveres e a própria vida.

Fui amigo do dr. Vasques Calafate e tive a honra de o ter por colaborador efectivo no meu jornal «A Pátria» em que ele deixou dezenas de artigos de defesa dos interesses poveiros. Contactei com ele nos últimos tempos da sua vida em que, quase cego, todos os dias percorria as ruas da terra arrimado ao caminho e ao amparo de parentes ou amigos que tinham satisfação em acompanhá-lo nessa última devoção bairrista que tanta satisfação lhe dava.

O dr. Vasques Calafate foi um professor distinto do ensino liceal e mais tarde do ensino superior de Economia em que marcou posição relevante e que lhe deu motivo a escrever alguns livros da especialidade, não só elaborados com esmero de cientista mas com utilidade de divulgador.

Mas além dos seus méritos de pedagogo que foram muitos, Calafate afirmou sempre o valor do seu alto civismo que o fez devotar-se à sua terra com toda a paixão, esta indo até sacrificar por ela e pelos seus interesses vitais, a sua própria posição ideológica sabido que

liberal e democrata por formação, não hesitou em dar ao Estado a sua cooperação mais franca e devotada em tudo o que representou o interesse superior da Póvoa de Varzim pelo qual galhardamente se bateu e que inafatigavelmente serviu.

Foi este alto civismo que o impôs às classes trabalhadoras da sua terra que, na sua persistência de batalhador, reconheceram o sentido do bem público que de longe,

Continua na página 4

UMA CARTA da Presidência da Câmara

Póvoa de Varzim, 22 de Outubro de 1965.
... Sr. Director «O Comercio da Póvoa de Varzim».

A-proposito de um «suelto» que se reputa de muito góu, publicado no ultimo numero do jornal «A Arribas», sugere um esclarecimento que gostaríamos de ver publicado no jornal que V. Ex.ª superiormente dirige.

É bem conhecida «a pobreza» das instalações do nosso Museu, razão porque o Municipio se acha empenhado na resolução desse problema.

O que já se não alcança bem é o que se pretende incutir com a referência a «interesses que impera em todas as suas dependências».

Quererá o autor da local aludir à falta de limpeza, de pintura, de arrumo...? Importa que este ponto seja devidamente esclarecido, pois só assim se prestará serviço útil.

Quanto às colecções de moedas, importa esclarecer o seguinte: no nosso Museu não existem, nem jamais existiram — que sabemos — colecções de moedas, nem expositas, nem reservadas do publico.

O que há é diversas moedas avulsas, expostas em armários fechados.

O autor da local afirma ter conhecimento de colecções de moedas pertencentes do nosso Museu, que não estão expostas e como — afirmamos nós — não existem tais colecções a oculos do publico, é mister saber quais as que desapareceram.

Convidamos, por isso, a quem quer que disponha de elementos de prova do seu desaparecimento, a fornecê-los ao Municipio, e, desde já, se conta com a prestimosa colaboração do autor da local que, não o dudamos, dispõe já de elementos capazes de formar juízo recto, a tal respeito.

É certo que o assunto interessa a todos os municipios, e pena foi que a demissão não haja sido feita, primeiro, directamente à Câmara, com o segredo que a investigação dos crimes exige, pois deste modo o autor ou autores do furto serão alarmados e procurarão subtrair-se, mais facilmente, à acção da justiça.

Agradeço, subscrevo-me
Atenciosamente
A bem da Nação
O Presidente da Câmara,
Luís de Barros Lima

VIVA IL PAPA!...

por AUGUSTO DIAS

O meu aparecimento na Casa do Infante foi uma verdadeira bomba de plutónio.

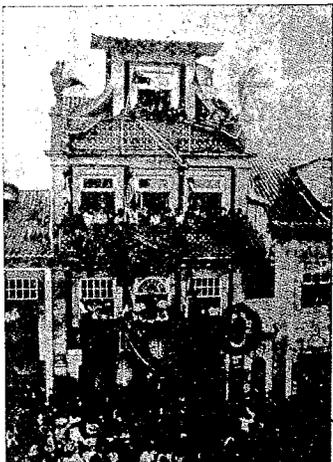
Eu não tinha sido convidado e Dr. Olivio de Carvalho, ao ver-me, ocorreu pressuroso, e desculpar-se com as deficiências do ficheiro.

A época balnear CONTINUA

Ainda temos barracas de sombra no areal e ainda se tomam banhos no mar. A Póvoa tem ainda muitos banhistas — gente dos nossos campos — que terminadas as colheitas e as viduadas, vêm até nós descansar das suas lides de um ano inteiro e gosar um pouco das delicias do nosso mar e do nosso esplendido clima.

Quando todas as praias deram já por terminada a época de banhos, a da Póvoa permanece ainda em actividade.

Continua na página 4



A casa onde nasceu Eça de Queirós no dia da inauguração da lápide de bronze (1906)

Rocha Peixoto

Continuação da página 1

Das aldeias do concelho da Póvoa de Varzim transportou Rocha Peixoto para o Museu Municipal do Porto diversas outras peças que assim escaparam ao abandono e à destruição, e hoje se vêem no Museu Nacional de Soares dos Reis: môs manuais de Terroso e de Averomar, uma arca sepulcral proto-cristã de Rates, um capitel românico, historiado, da antiga matriz de S. Tiago de Amorim, capitéis românicos da igreja de S. Pedro de Rates, e marcos da Casa de Bragança idos de Nabais, Amorim e Terroso (6). Foi ainda Rocha Peixoto quem convidou insistentemente o seu amigo, e primo, Manuel Monteiro a escrever a monografia sobre a igreja românica de S. Pedro de Rates — um livro notável, que tornou conhecido no país o belo monumento, e que, pela sua modelar introdução, passou a constituir uma obra imprescindível no estudo da arte românica portuguesa. Ter exercido influência sobre o sábio Vergílio Correia, e estar ligado ao aparecimento de *O Povoiro* de Santos Graça (1932) e do *S. Pedro de Rates* de Manuel Monteiro (1908), bastariam para que não fosse admissível o esquecimento do nome de Rocha Peixoto!

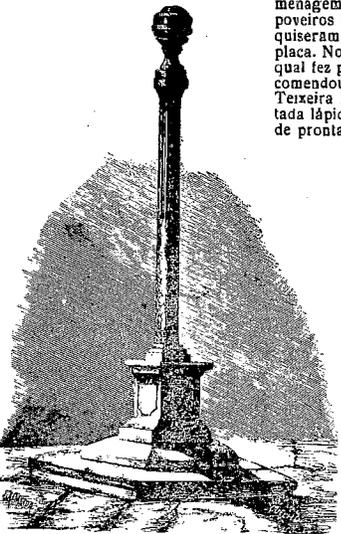
Não podem os homens fugir ao condicionalismo da sua época, força justamente capaz de lhes despertar a capacidade de acção. Nos fins do século XIX e nos princípios do século actual, a Póvoa de Varzim atravessou um momento de autêntico progresso, particularmente, acentuado no decorrer da regência camarária do Dr. David Alves. Colaborando nesse surto de

iniciativas, Rocha Peixoto prestou à sua terra inestimáveis serviços. Na Póvoa, na casa que fora de seus pais, passava o ilustre etnógrafo parte das suas férias, e outros períodos curtos, de modo que nunca perdeu o contacto com a vila e com os amigos que nela contava.

Já em 1896, no jornal *Estrela Povoense*, proclamara Rocha Pei-

xoto a obrigação de a Câmara Municipal reerguer o pelourinho da vila, que anos antes havia sido desmontado, por motivo das obras feitas na Praça do Almada. A Câmara atendeu a sugestão e o monumento reconstruiu-se no lugar em que hoje se mantém (7).

Por 1903 lembrou-se Rocha Peixoto que, enaltecendo a memória de Eça de Queirós, se devia colocar uma placa comemorativa na casa da Póvoa de Varzim onde, em 1845, o romancista nascera. Aceite a ideia por alguns «portugueses diplomados», e decidida a homenagem, logo aderiram a ela os poveiros residentes no Brasil, que quiseram custear as despesas da placa. Nomeada uma comissão, da qual fez parte Rocha Peixoto, encomendou-se ao escultor António Teixeira Lopes, em 1904, a projectada lápida de bronze que, apesar de pronta no ano imediato, se inaugurou só em 14 de Outubro de 1906, no meio de festejos (8). Na mesma altura sobreu Rocha Peixoto, porém, imerecidos ataques e críticas, por alguns vilancos que se derenderem que Eça de Queirós não nasceu na Póvoa de Varzim, mas sim em Vila do Conde (vila na qual o futuro romancista foi, de facto, baptizado). A Câmara Municipal da Póvoa de Varzim convidou então Rocha Peixoto a procurar elementos que provassem a verdadeira naturalidade do autor de *Os Maias*. Em breve espaço de tempo conseguiu o grande obreiro da *Portugália* recolher diversos testemunhos que garantiam o nascimento de Eça de Queirós na Póvoa de Varzim,



O pelourinho da Póvoa de Varzim reconstruído graças à acção de Rocha Peixoto

como uma carta escrita pela própria mãe do romancista e uma antiga carta do pai, cartas de Ramalho Ortigão e de Luis de Magalhães, documentos do Arquivo da Universidade de Coimbra, etc. Estes testemunhos, que a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim guardou e cuidadosamente deve conservar, saíram publicados nos jornais poveiros em Novembro de 1906, sendo ainda impressos, com algumas das cartas reproduzidas em litografia, no pequeno volume intitulado *Eça de Queirós. Questão de Naturalidade* (Porto, 1906) — opúsculo redigido, certamente, por Rocha Peixoto.

De «O Comércio da Póvoa» de 12 de Outubro de 1965

- (1) Júlio Brandão — *Galeria das Sombrias* (Porto, de 3, p. 16)
- (2) M. S. (Manuel Silva) — «Três separatas da *Portugália*», in jornal *Estrela Povoense*, da Póvoa de Varzim, de 15 de Novembro de 1908, p. 11 — «Rocha Peixoto», in *O Liberto*, da Póvoa de Varzim, de 16 de Maio de 1909, p. 2 — «Rocha Peixoto», in *Estrela Povoense*, de 23 de Maio de 1909, p. 11 — «Rocha Peixoto», in *O Comércio da Póvoa de Varzim* de 5 de Maio de 1910, p. 13; Cândido Landolf — «Rocha Peixoto», in revista *A Póvoa de Varzim*, ano I, n.º 4 (Póvoa de Varzim, Novembro de 1911), p. 4. *Correspondência inédita de Alberto Sampaio para Rocha Peixoto*, comentada e anotada por Manuel Monteiro (Guimarães, 1921), p. 13; Manuel Monteiro — «Rocha Peixoto», in *O Primeiro de Janeiro*, de 11 de Agosto de 1944, p. 1 (artigo transcrito por *O Comércio da Póvoa de Varzim*, de 19 de Agosto de 1944, p. 1)
- (3) *Vida* e *interior da casa do opúsculo de Rocha Peixoto sobre O Museu Municipal do Porto (História Natural)* (Porto, 1888); e João Barreira — «Os Mortos» in *Revista de Ciências Naturais e Sociais*, vol. I (Porto, 1890), p. 95.
- (4) Vejam-se os reparos que Rocha Peixoto emitiu sobre a miserável retribuição concedida pelos negociantes aos barristas das zonas de Barcelos, de Amarante e de Baião e dos ilhrancistas das zonas da Póvoa de Lanhoso e de Gondomar (*Portugália*, vol. I, p. 266, e vol. II, pp. 78 e 576-578).
- (5) *Vida*, sobre o assunto; J. Leite de Vasconcelos — *Ensaio Etnográfico*, vol. II (Espozende, 1900), p. 49; Rocha Peixoto — «Bibliographia», in *Portugália*, vol. II, p. 136; J. Leite de Vasconcelos — «Bibliographia», in *O Arqueólogo Português*, vol. XI (Lisboa, 1908), pp. 351-363; Rocha Peixoto — «Supplemento», in *Portugália*, vol. II, pp. 492 M-942 N.
- (6) Museu Nacional de Soares dos Reis — *Secção Lápida*, *Catálogo-Guia*, (Porto, 1941) pp. 57, 17, 16, 17 e 19.
- (7) Rocha Peixoto — «O Pelourinho», in *Estrela Povoense*, de 8 de Março de 1896, p. 1.
- (8) *Vida*; «Eça de Queirós», in *Estrela Povoense*, de 27 de Março de 1904, p. 2; Landolf — «Eça de Queirós», in *A Propaganda*, da Póvoa de Varzim, de 7 de Outubro de 1906; e as reportagens dos jornais *O Comércio da Póvoa de Varzim*, (de 27 de Outubro de 1906), *A Propaganda*, (de 21 de Outubro de 1906) e *Estrela Povoense*, (de 21 de Outubro de 1906).

FLAVIO GONÇALVES

UMA HOMENAGEM

Continuação da página 1

o fazia cingido aos interesses marítimos da Póvoa de Varzim e patente aos interesses vitais da sua população pescadora.

Ele compreendia e muito bem e procurava servir sempre os interesses urbanos e turísticos da Póvoa de Varzim e não faltou jamais com a sua colaboração aos que como Artur Aires se voltaram ao seu engrandecimento. Mas sobretudo e acima de tudo, lhe importou o aspecto fundamental e premente da Póvoa como porto de pesca cujas dificuldades procurou sempre apontar e cujas necessidades não deixou jamais de assinalar tenazmente.

Desde muito longe e durante muitas décadas a sua pena de jornalista e a sua voz de homem público estiveram no primeiro plano de defesa dos interesses marítimos e piscatórios da Póvoa de Varzim. Na imprensa de Lisboa e do Porto nos órgãos locais, sem distinção de cor política, a sua doutrinação em prol da Póvoa do Mar e dos que dela e para ela viviam não esmoreceu nunca e pode dizer-se que dela fez a razão de ser da sua vida pública todos, sem esforço, verificando na sua persistência e na sua tenacidade um sentido admirável que, se era de consciente baírrismo, não deixava de ser de patriotismo puro e infatigável pois as tradições de trabalho e de honra da Póvoa e as suas necessidades essenciais andavam a par no esforço incansável dos poveiros, desejosos de verem resolvidos os seus problemas.

Assim natural parecia que com Santos Graça, o estudioso de tradições etnográficas da Póvoa e seu interprete qualificado, um intelectual da estirpe de Calafate se voltasse inteiramente à definição e efectivação dos interesses fundamentais da população marítima.

Os pescadores da Póvoa quiseram, por isso, torná-lo o símbolo dessas tradições e dessas necessidades e pouco tempo depois da sua morte, tendo o escolhido como tal, resolveram erguer-lhe uma estátua para cujo custeio quiseram ser eles os exclusivos contribuintes. Sei de pessoas que quiseram colaborar na homenagem justíssima mas não puderam fazê-lo porque só os pescadores poveiros quiseram chamar à si essa obra de justiça que foi também uma admirável obra de solidariedade profissional pois só pescadores poveiros é certo que de todos os quadrantes, nela cooperaram e só com recursos deles providos foi ela realizada.

Exemplo admirável de gratidão e de justiça deram esses pescadores que dentro do princípio de que «os muitos poucos reunidos levam ao muito indispensável», puderam eles sós e sem auxílio de outras actividades poveiras que o deveriam, sem dúvida e de boa vontade o dariam, conseguiram realizar, rapidamente e com êxito, a homenagem exclusiva ao seu infatigável defensor patricio e amigo.

Não pude, por motivo de saúde, estar na Póvoa e assistir à homenagem dos pescadores poveiros ao professor Vasques Calafate. E bem o lastimo. Tanto como preito da minha admiração por ele foi verdadeira e sincera, como porque estimaria significar aos pescadores da Póvoa como me comoveu o seu gesto de agradecido respeito e estima, tão depressa e tão exemplarmente expresso, com a humildade que lhes é peculiar mas também com a grandeza de alma que os distingue e enaltece.

U exemplo de gratidão dos pescadores poveiros ao seu devotado servidor e amigo, sempre fiel ao seu amor pela Póvoa, ficará como uma demonstração de que o coração do povo é, apesar de todas as omissões, injustiças e fraquezas das massas, o cofre natural das virtudes mais nobres da gente simples da nossa terra que não quer e não sabe esquecer quem lhes dedica, com sinceridade e ênfase,

NUNO SIMÕES

Do «Journal do Comércio», de 26-9-95

VIVA IL PAPA!..

Continuação da página 1

causa da critica ao «Infante de Sagres», na Brotéria. Com o seu feio impulsivo ripostou-me que eu era como a mula do Papa e logo esclareci que, mais do que isso, era como uma rédua de cem mulas.

Depois foi o P.º Brásido, da Congregação do Espírito Santo, um dos maiores cérebros da historiografia nacional; e todo um fluir de um passado distante, quando ele viveu em Godim, na Régua, e ia a Lamego, em missão religiosa.

Por fim, cheguei ao pé do Professor Lopes de Almeida, o confederante. Era ele o alvo da minha fisgada, por motivos que vou explicar.

Fora o Doutor Lopes de Almeida que indignara, há quatro anos, para deputado do Dr. Pinto Carneiro, um amigo de tu, da minha terra e que, muitas vezes, comeu e dormiu na minha casa.

Destá vez, foi preterido e eu queria saber a razão.

Aproveitei a deixa de o Professor estar acompanhado do P.º Maurício, do P.º Duraõ e do Dr. Manuel Anselmo, todos conhecidos e amigos.

E, apesar de nos não conhecermos pessoalmente, tive a consolidação do Mestre me dizer que conhecia toda a minha obra, momentaneamente «Os servidores dos Haréns», em que eu criticara o Miguel Torga.

Já não tive coragem de fazer a punção e logó o Dr. Manuel Anselmo começou a apregoar os coices que deu no bispo do Porto e, sempre na mesma diatribe, a censurar a ida do Papa à O. N. U.

Não me contive e, com o aplauso de quantos me ouviram, repliquei:

— Olhe, doutor, na História da Igreja só encontro outro facto igual a este — foi quando S. Leão Magno saiu ao encontro do bárbaro Atila e salvou Roma e a Europa.

Por isso, com os representantes dos 117 países — menos a insignificantemente Albânia que ainda fez pior figura do que os pretos — eu ergo bem alto a minha voz e grito com o coração:

Viva il Papa!..

AUGUSTO DIAS

Curso de Francês

Segundo diligências feitas junto do Ex.ºº Consul da França no Porto e do Instituto Francês, o Rotary Clube da Póvoa de Varzim procura fazer funcionar na nossa Terra, no começo do próximo mês, dois cursos de francês, para iniciados e para os que já têm conhecimento da língua.

As aulas teriam lugar dois dias por semana e seriam dadas por uma professora francesa.

Para conhecer o interesse que esta iniciativa terá no nosso meio, estão desde já abertas inscrições para o curso; na Redacção do «Comércio», Livraria Minerva e Posto de Turismo.

RUA DA CORDOARIA

Esta artéria do bairro sul, que se encontrava entapada um pouco a sul da rua d'«O Séculos», foi rompida até à rua de Pereira Azevedo ligando, assim, mais directamente ao bairro piscatório. Folgamos com a deliberação agora tomada que reputamos de grande vantagem para os moradores daquelas redondezas.

Aquecimento Central «JUNKERS»

Aos novos ou antigos proprietários

A reputada fábrica alemã «JUNKERS» acaba de lançar no mercado um novo sistema de aquecimento central, a gás, que constitue a última maravilha da técnica alemã.

Os novos ou antigos proprietários têm, por isso, oportunidade de dotar as suas residências com este importante melhoramento, podendo solicitar os informes de que necessitarem na Garagem Vila do Conde, agente daquela marca para esta Vila e Póvoa de Varzim.

Em face da planta do edificio, serão fornecidos os necessários estudos e bem assim orçamentos, graciosamente.

BOTAS

Para crianças, meninos e rapazes homens e senhora, de toda a qualidade e em grande quantidade a preços baratíssimos.

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDA NA SAPATARIA SOARES (Entre o Museu e a Igreja Matriz) PÓVOA DE VARZIM

Rez do chão - Largo das Dores

Rez do Chão, amplo, junto do Tribunal e do Liceu, servindo para Pastelaria, Café, ou outro estabelecimento, alugá-se. Falar na Praça do Almada, n.º 25 — PÓVOA.

SAPATARIA

Transpassa-se na Rua 5 de Outubro, 442 Telefone 63438

VILA DO CONDE

FUTEBOL



Dizíamos a semana passada que a actual equipa poveira estava mentalizada para adoptar as mais diversificadas táticas que enriquecem, por si, o Desporto. Rei. De acordo com o valor dos contadores, tanto se vê a equipa jogar no contra-ataque, como no jogo seguinte, a enveredar pelo ataque franco, em busca de golos. Isso tem-lhe valido colher resultados satisfatórios para os seus adeptos.

Mas não é só no seu Estádio que o Varzim joga na ofensiva. Ainda no domingo em Setúbal, contra uma equipa como a do Vitória que conquistou a última Taça de Portugal, e que, oito dias antes viera empatar ao Porto, o Varzim não utilizou o contra-ataque, mas sim o jogo aberto, próprio de uma equipa que se julga com valor para se bater com a adversária, embora esta actuasse dentro dos seus domínios.

Repare-se o que, sobre esse facto, disse o jornal «A Bola»:

«Aguardava-se um Varzim fechado e defensivo, nos lances ofensivos, a lutar contra a iniciativa dos vitorianos — pela ordem lógica dos prognósticos, favoritos da competição. O Vitória, de facto, tentou assegurar

Vit. Setúbal, 1 - Varzim, 1

(Resultado feito no 1.º tempo)

Jogo no Estádio do Bonfim, em Setúbal.

Árbitro: Manuel Fortunado, de Évora.

Vitória: Mourinho; Conceição, Torres, Herculano e Cardoso; Tomás e Jaime Graça; Armando, Osvaldo, José Maria e Quim.

Varzim: Morales; F. Ferreira, Quim, Salgueiro e Sidónio; Carneiro Pais e Alexio; Valtor, Victor Silva, Rodrigo e Rogério.

0-1, aos 19 minutos: Victor Silva recebeu um passe da direita, infiltrou-se na defesa contrária e rematou a um canto.

1-1, aos 42 minutos: depois de uma boa combinação com outros dois coices, Jaime Graça, desmarcado, recebeu a bola com o pé direito, desviou-a para o pé para rematar forte.

o jogo, impôr a sua supremacia e tomar o comando das operações. No entanto, os poveiros tratam idênticos desfechos e, é daí mais curioso, forma de os executar, e daí

Continua na página 2